

## **PAYS SANS CHAPEAU (1997), DE DANY LAFERRIÈRE: UMA ESCRITA ENTRE ESPAÇOS CULTURAIS**

Tarcyene E. S. da SILVA (UFRN)<sup>221</sup>  
Wiebke Röben de Alencar XAVIER (UFRN)<sup>222</sup>  
Karina Chianca VENÂNCIO (UFPB)<sup>223</sup>

**RESUMO:** O presente estudo tem como objetivo refletir sobre a literatura haitiana de Dany Laferrière, no contexto da constituição da literatura quebequense, ou seja, o Canadá como um país anfitrião. As obras desse autor, que foi exilado jovem durante a ditadura Duvalier no Haiti, têm logrado sucesso desde seu primeiro romance. Desse modo, observar a produção literária de Laferrière sem remeter à imagem do povo haitiano é praticamente impossível. Todavia, não podemos esquecer que a iniciação na arte escrita, por parte desse literato, se desenvolveu em plena segunda diáspora haitiana, e que a paisagem literária do Quebec pode ter contribuído como lugar passível de liberdade para a inauguração de uma nova literatura. Também considerada transgressora por propor críticas de cunho marxista, indigenista, essa nova literatura se opõe aos enraizamentos crescentes das literaturas de exílio da primeira geração de intelectuais da diáspora. Nesse sentido, compreendemos que as transferências culturais poderiam nos ajudar a assimilar os vários arranjos presentes nessa literatura, que têm certa relevância na construção histórica e literária dos dois países e na formação cultural dos vários povos que a constituem. Portanto, focamo-nos, mais precisamente, na perspectiva das transferências culturais para a análise da obra *Pays sans chapeau* (1997). Inicialmente, ponderamos a respeito dos conceitos de transferência cultural (ESPAGNE, 2013) e transferências entre espaços culturais (ETTE, 2014), com a intenção de compreendermos a autonomia da literatura sem domicílio fixo, seus movimentos e seu contexto. Posteriormente, discutimos as primeiras literaturas quebequenses, com a finalidade de contemplar a constituição literária e a sua possível inclinação aos aspectos transculturais presentes na literatura nacional quebequense, a partir das questões de subversões dos textos em emergência (ANDRÈS, 1999). Em seguida, dialogamos sobre as relações entre Quebec e Haiti, levando em consideração as questões de exílio e identidade nas literaturas quebequense e haitiana, e haitiana-quebequense, com a pretensão de observar os possíveis encontros e entraves entre as composições dos autores nos dois países. Por último, apresentamos uma análise da obra de Laferrière, com um recorte em *Pays réel*<sup>224</sup>. Nesse sentido, buscamos analisar a obra utilizando os níveis de mobilidade propostos por Ette (2014), tais como: o Cultural, o Linguístico e o Vetorial. Para nós, a referida narrativa imprimiria uma mobilidade advinda da pluralidade cultural inerente aos movimentos entre os espaços, ou seja, as transferências entre áreas culturais incorporadas na própria literatura. Os resultados de nossa pesquisa demonstram que: a) a história literária nacional, sobretudo quebequense, tem vivenciado momentos de questionamentos relevantes para a compreensão dos novos horizontes que se estabelecem na esfera das literaturas sem domicílio fixo, as quais necessitam de um estudo que contemple suas pluralidades; b) a constituição da escrita dita “haitiana”, considerada imigrante no Quebec, na verdade é fruto de uma construção que não se atém apenas ao território, que, por vezes, “nega nacionalidades” e “pertencimentos”; c) *Pays sans chapeau* (1997) captura a essência de mobilidade e nos revela elementos estéticos e ideológicos que estão além do controle territorial nacional, seja haitiano ou quebequense, e que d) a referida narrativa pode ser fruto de uma globalização acelerada que se desenvolveu de forma concreta na escrita de Dany Laferrière, o qual tem-se posicionado a favor da literatura que não se atenha ao território literário nacional.

<sup>221</sup> Aluna de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN.

<sup>222</sup> Professora Doutora do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas da UFRN, membro do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB.

<sup>223</sup> Professora Doutora do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFPB e membro do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN.

<sup>224</sup> A obra se divide em dois mundos que se alternam, nomeados de *Pays réel* e *Pays rêvé*. No presente estudo, apresentamos uma análise focada em um dos capítulos que pertence ao primeiro universo.

**Palavras-chave:** Tradução; Dany Laferrière; Literatura quebequense haitiana.

**ABSTRACT:** *The current study aims at reflecting on Dany Laferrière's Haitian literature in the context of the constitution of Quebecois literature; in other words, having Canada as a host country. The author, who was exiled during the Duvalier dictatorship in Haiti when young, has achieved success since his first novel. Thus, it is practically impossible to observe Laferrière's literary production without alluding to the Haitian people. Nevertheless, one must not forget that this author's initiation in the literary art developed during the second Haitian diaspora, and Quebec's literary scene might have contributed as a place of freedom to the inauguration of a new literature, also considered transgressing in its proposal of criticism characterised as Marxist, indigenist, etc., which is opposed to the increasing rooting from the exile literature of the diaspora's first generation of intellectuals. In this regard, we understand that the cultural transference could help us comprehend the various arrangements present in this literature, which have a certain relevance in the historical literary construction of both countries, as well as in the cultural formation of the many peoples that constitute them. Therefore, we focused more precisely on the perspective of the cultural transference, utilising the Pays sans chapeau (1997) piece of work. At first, we pondered on the concepts of cultural transference (ESPAGNE, 2013) and transference between cultural spaces (ETTE, 2014), intending to comprehend the autonomy, movement and context of the literature with no fixed domicile. Afterwards, the first Quebecois literatures were discussed, for contemplating the literary constitution and its possible inclination towards transcultural aspects found in the Quebecois national literature, from questions of subversion of the emergent texts (ANDRÈS, 1999). Consequently, a dialogue was made about the relations between Quebec and Haiti, considering the matters of exile and identity in the Quebecois, Haitian, and Haitian-Quebecois literature, aiming at observing the possible encounters and hindrance between compositions of authors from both countries. Lastly, an analysis of Laferrière work is presented, with an excerpt of Pays réel<sup>225</sup>. For this purpose, the piece was analysed utilising the mobility levels proposed by Ette (2014), such as: Cultural, Linguistic and Vectorial. In our analysis, the aforementioned narrative imprints a mobility stemming from the cultural plurality inherent to the movements between spaces, that is to say, transference between cultural areas incorporated in the literature itself. The results from our research demonstrates that: a) the literary national history, especially Quebecois, has experienced moments of questioning relevant to the comprehension of new horizons, that are established in the sphere of literatures without fixed domicile, which necessitate a study contemplative of its pluralities; b) the constitution of the "Haitian" writing, considered immigrant in Quebec, is, in truth, due to a construction that does not conform to territory, that "denies nationalities" and "belongings" at times; c) that Pays sans chapeau (1997) captures the essence of the mobility and reveals aesthetical and ideological elements beyond the national territorial control, either Haitian or Quebecois; and d) that the aforementioned narrative may be fruit from a fast-paced globalization developed in concrete form in Dany Laferrère writing, which has positioned himself in favour of a literature that does not comply to the national literary territory.*

**Keywords:** Translation. Dany Laferrière. Quebecois Haitian literature.

## INTRODUÇÃO

As obras de Dany Laferrière são consideradas de grande importância nas discussões acerca da literatura haitiana. Todavia, os estudos concernentes a essa temática acabam restringindo a sua produção ao campo identitário haitiano. Desse modo, algumas características importantes são esquecidas a favor de nomenclaturas tipológicas e/ou de caráter historiográfico tradicional.

---

<sup>225</sup> The piece of work is divided in two alternating worlds, named Pays Réel and Pays Rêvé. The current research presents an analysis focused on one of the chapters belongig to the first universe.

É sabido que o ex-jornalista Laferrière, ao deixar sua pátria em 1976 e vivenciar o exílio durante o auge da ditadura de “Baby Doc” Duvalier<sup>226</sup> (1971-1986), encontra no Quebec a liberdade de escrita que não obteve na nação de berço. Mediante o referido contexto, não podemos descartar as implicações das produções do autor para o campo literário haitiano, e não temos essa intenção. Porém, não podemos esquecer que seu sucesso como escritor ocorreu em solo quebequense e, portanto, cabe-nos refletir sobre a literatura anfitriã, buscando compreendê-la como uma abertura aos movimentos transculturais.

Tencionamos refletir, aqui, sobre a constituição da literatura nacional do Quebec, articulando-a com a questão dos autores haitianos exilados no Quebec. Nosso propósito será observar a obra *Pays sans chapeau* (1996), de Dany Laferrière, como uma literatura em movimento, e não apenas como imigrante haitiana advinda de uma diáspora, uma vez que sua produção é percebida entre o eixo das duas letras. Para tanto, nos utilizaremos das discussões de Espagne (2013) sobre transferência cultural e Ottmar Ette (2014) a respeito dos movimentos nos estudos das transferências entre espaços culturais.

## AS TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS EM MOVIMENTO

Construir a história da literatura de uma dada nação, contando suas produções nacionais como conquistas, ou se submeter aos registros de averiguações em proveito de uma literatura pura, tem sido comum entre os estudos tradicionais, os quais parecem ignorar características relevantes para as literaturas que transitam entre espaços e que se permitem uma configuração cosmopolita, até mesmo universal.

Salientamos que existem literaturas que necessitam de uma investigação que se disponha a observar sua autonomia mediante os seus movimentos (ETTE, 2014, p. 47), procurando compreendê-los dentro de um contexto transcultural. Sendo assim, seria primordial enxergar a literatura como um saber em movimento, e ainda, como parte do saber cultural dos povos<sup>227</sup>, no plural, pois o mistério do “nascimento” de um texto implica numa troca de saberes, uma vez que “somos um neo do outro” (ANDRÈS, 1999, p.15). Portanto, tencionamos aqui compreender conceitos que consigam dar conta de uma literatura que vivencia a mobilidade entre fronteiras e sem domicílio fixo.

Desse modo, o conceito de transferência cultural implica numa espécie de transformação de algo que perpassa por culturas: “Transferir não é transportar, mas sobretudo metamorfosear, e o termo não se reduz em nenhum caso à questão mal circunscrita e bastante banal das trocas culturais. É menos a circulação dos bens culturais que sua interpretação que está em jogo”<sup>228</sup> (ESPAGNE, 2013, p.1. Tradução nossa). Essa perspectiva, que se desenvolveu nos estudos germânicos desde os anos 80 inicialmente no contexto da *critique génétique*, visa os grupos sociais como vetores de transferências culturais em contato, os quais transportam os mais variados saberes.

Segundo Espagne (2013), as pesquisas sobre transferências culturais que acontecem no viés da historiografia da literatura propõem uma revisão da história literária nacional<sup>229</sup> sob

---

<sup>226</sup> A Ditadura Duvalier teve início em 1957 com François Duvalier (Papa Doc) e prolongou-se até 1986 com Jean-Claude Duvalier (Baby Doc).

<sup>227</sup> Conceito adotado por Ottmar Ette (2014) em *Cartographies mobiles de la recherche littéraire. La politique du mouvement dans les études sur les transferts entre aires culturelles* (ETTE, 2014, p.44-47).

<sup>228</sup> “Transférer, ce n’est pas transporter, mais plutôt métamorphoser, et le terme ne se réduit en aucun cas à la question mal circonscrite et très banale des échanges culturels. C’est moins la circulation des biens culturels que leur réinterprétation qui est en jeu” (ESPAGNE, 2013, p.1).

<sup>229</sup> Pascale Casanova, em *A República Mundial das Letras* (2002), atenta para a natureza internacional da própria literatura, constatada em Goethe e em seu termo *Weltliteratur*. A teórica, ainda, demonstra em seus estudos que a nacionalidade está relacionada de forma direta com o passado histórico de um dado autor, e sobretudo com suas

o crivo de possíveis importações, colocando em evidência as descentralizações da própria história, valendo-se de traduções, registros bibliográficos em bibliotecas (na história do livro) etc.

Para Ottmar Ette (2014), que tem como enfoque as dinâmicas entre os espaços culturais, o saber já se encontra em movimento por causa da literatura, graças à forma de desenvolvimento do pensamento humanístico impresso nela, que é considerada como parte da experiência cultural humana:

A literatura revela a mobilidade do saber e ainda assegura que os domínios e os segmentos do saber mais diversos de uma, de várias, e de numerosas comunidades e sociedades sejam reportados sem cessar um ao outro de modo experimental. A literatura é, conseqüentemente, um saber em movimento cuja construção polilógica é de uma importância essencial à sobrevivência no mundo do século XXI. Seu maior desafio será com efeito, sem dúvida alguma, uma coexistência global na paz e na diferença. Porque a literatura permite, no jogo sério de suas experiências diferentemente asseguradas do ponto de vista estético e poetológico, pensar simultaneamente em contextos culturais, sociais, políticos ou psicológicos diferentes e colocar à prova ou desenvolver esse modo de pensar<sup>230 231</sup> (ETTE, 2014, p.43. Tradução nossa.).

Ademais, Ottmar Ette (2014) indica que os estudos transculturais devem se valer das cartografias a respeito do espaço territorial para compreender os movimentos que a literatura vem produzindo desde o século XX, o qual é visto como a época de maior trânsito de saberes, por meio das imigrações, deportações e diversos movimentos entre as nações. Ele salienta que os espaços territoriais são os mais explorados em pesquisas desde o início do século XIX, porque os estudos de transferências culturais contemplaram movimentos cristalizados, conservando-os como um tipo de colonização, perceptíveis nos estudos europeus dessa época. Logo, só podemos compreender os movimentos se começarmos a enxergar tanto uma Europa em movimento (ETTE, 2014, p.45) quanto as Américas.

Entretanto, o estudioso observa que, apesar dessa forma de contemplação dos movimentos, os estudos transculturais podem e devem usufruir dos dados no espaço territorial para mediar fronteiras, propondo remapeamentos e reflexões sobre literaturas que não possuem residência fixa e que apresentam arranjos culturais dos mais diversos, como é o visto nas produções ditas “migrantes” no Quebec. Contudo, deve-se ter como finalidade rechaçar uma territorialização, que figura a cristalização dos movimentos, impostos por este colonialismo de alteridades.

---

escolhas individuais, uma vez que ele pode aceitar ou renegar sua herança. Ela nos orienta a deixar de lado termos como “influências” e começar a trabalhar nossa visão a respeito desses percursos que os autores fazem. (CASANOVA, 2002, p. 59-61)

<sup>230</sup>La littérature révèle la mobilité du savoir et même assure que les domaines et les segments de savoir les plus divers d'une, de plusieurs, de nombreuses communautés et sociétés soient sans cesse rapportés l'un à l'autre de façon expérimentale. La littérature est par conséquent un savoir en mouvement dont la construction polylogique est d'une importance essentielle à la survie dans le monde du XXIe siècle. Son plus grand défi sera en effet sans nul doute une coexistence globale dans la paix et la différence. Car la littérature permet, dans le jeu sérieux de ses expériences différemment assurées du point de vue esthétique et poétologique, de penser simultanément dans des contextes culturels, sociaux, politiques ou psychologiques différents et de mettre à l'épreuve ou de développer ce mode de pensée. (ETTE, 2014, p.43)

<sup>231</sup> Vale ressaltar que os estudos presentes no livro *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos* (2016), que tem por organizadora a estudiosa Márcia Abreu, assim como a sua exposição intitulada *A comunidade letrada transnacional: reação aos romances na Europa e no Brasil*, desenvolvem-se nessa perspectiva da história dos movimentos sobre os impressos.

Ainda em consonância com Ette (2014), compreendemos que os estudos das transferências culturais necessitam definir alguns termos no campo da filologia, para descrever o movimento, a dinâmica e a mobilidade:

As pesquisas científicas relativas aos fenômenos culturais e literários deveriam ser orientadas de maneira mais patente na direção das formas e funções do movimento, e facilitar assim a passagem de uma simples história do espaço a uma história do movimento. Com esse fim, é necessário desenvolver um conjunto de conceitos aguçados por processos amplamente vetoriais, conceitos que vão além da análise da literatura de viagem ou das literaturas nômades e que tratem questões fundamentais, estéticas, semânticas e narrativas da literatura. Por conseguinte, convém realizar uma série de diferenciações terminológicas<sup>232</sup> (ETTE, 2014, p.47. Tradução nossa.).

Ette (2014) propõe que as terminologias devem ser desenvolvidas em diversos níveis. Para a relevância da presente exposição, nos valem dos seguintes aspectos: cultural, linguístico e vetorial.

No nível cultural, o transcultural ocorre quando duas culturas ou mais entram em contato e em movimento, a ponto de não haver distinção nas relações de dominâncias entre elas, criando uma intercessão ao conjunto.

Já no nível linguístico, a transferência cultural ocorre em situações “multilinguais”, “interlinguais”, e “trans-linguais”(ETTE, 2014, p.48); trata-se da relação entre duas ou mais línguas que se penetram, situação que ocorre na prática da escrita literária.

Quanto ao nível vetorial, compreende-se no campo da “escritura entre os mundos”, e necessita de uma análise de textos no plano espaço-temporal: refere-se aos espaços de movimento que estão além do territorial; encontra-se na mobilidade, e sua análise recai sobre o saber literário, o qual é visível devido a sua movimentação no território.

Destarte, a perspectiva de transferências culturais e as discussões sobre os tipos de movimentos entre os espaços de transferências culturais nos conduzirão a observar a constituição das letras no Quebec, compreendendo-as como resultado dos contatos entre culturas literárias diversas. Isso nos permite observar os autores haitianos como presença estrangeira na literatura quebequense, e interpretar os arranjos na obra *Pays sans chapeau* (1997), de Dany Laferrière, em virtude da sua dinamicidade de mobilidade.

## A LITERATURA NACIONAL QUEBEQUENSE EM MOVIMENTO

A “pura lã”, ou seja, uma literatura sem mescla, sempre foi motivo de debate entre as literaturas que convivem no seio da produção nacional no Quebec. Contudo, mediante o próprio contexto histórico da origem das produções quebequenses, encontramos uma literatura que se desenvolve além das fronteiras territoriais da província. Assim, procuramos verificar os prováveis movimentos<sup>233</sup> da literatura nacional quebequense, buscando refletir

---

<sup>232</sup> Les recherches scientifiques concernant les phénomènes culturels et littéraires devraient être orientées de manière plus marquée vers les formes et les fonctions du mouvement, et faciliter ainsi le passage d’une simple histoire de l’espace à une histoire du mouvement. A cette fin, il est nécessaire de développer un ensemble de concepts aiguisés par des processus largement vectoriels, de concepts dépassant l’analyse de la littérature de voyage ou des littératures nomades et traitant des questions fondamentales, esthétiques, sémantiques et narratives de la littérature. Il convient dès lors de procéder à une série de différenciations terminologiques (ETTE, 2014, p.47).

<sup>233</sup> Pretendemos aqui dissertar sobre os movimentos entre áreas culturais, na concepção de trans-áreas de Ottmar Ette (2014), trabalhada na sessão anterior; as áreas seriam: Nouvelle France (hoje atual Quebec) e France.

sobre sua possível inclinação aos aspectos transculturais, que parecem surgir no cerne dessa questão.

Em *Coerção e subversão. O Quebec e a América Latina*, Andrès (1999) disserta sobre a constituição e os percursos das letras no Quebec. Ele relata que os primeiros livros publicados em Montreal datam de 1776, por François Mesplet; são eles: um documento, *Regulamento da confraria da adoração perpétua do Santo-Sacramento e da Boa Morte*, e uma tragédia de Pierre Brumoy, *Jonathan de Davis ou O triunfo da Amizade*. Em seu estudo, o teórico busca observar a literatura jovem do Quebec fora do quadro restritivo histórico europeu, salientando as ligações dessa nação com as produções não só da sua antiga colonizadora (a França), como também com seu próprio continente.

O teórico reflete sobre a importância de se considerar o corpus em emergência, ou seja, os materiais que estão além das enciclopédias da história literária quebequense, escrita pelo colonizador, pertencentes ao século XVII e XVIII. Ele demonstra que as correspondências missionárias e coloniais poderiam fazer parte da propagação do gênero epistolar no Quebec, a exemplo de Marie de l'Incarnation e Elysabeth Bégon, que, durante essa época, mantiveram contato com os filhos sob o pretexto de narrarem suas jornadas espirituais: "A evolução dessa forma narrativa das primeiras escritoras subordina-se, é certo, à história do Quebec, como também ao estudo formal do Diário dos jesuítas ligados às relações da mesma companhia" (ANDRÈS, 1999, p.35).

Outro componente desse corpus seriam os relatos datados de 1635, os quais foram produzidos nas administrações pelos trabalhadores exilados na Nova França. Eles eram obrigados a fazer um parecer anual para a França, que, por sua vez, publicava os textos no continente europeu. E existiam, ainda, autores que apenas escreviam seus relatos pessoais como atividade de distração:

Se eles relatam muitas vezes por dever, eles também fazem/são a viva e indispensável ligação entre os dois mundos. É sob sua pluma que a narração toma forma. Através de um complexo conjunto de limites (estéticos, mas também sociais, ideológicos), eles conseguem designar, depois contar esse novo país que não é mais a França e que procura um nome: "Canadá", depois Quebec (ANDRÈS, 1999, p.37).

Nesta perspectiva, o relatar implica necessariamente uma incorporação de traços do "outro" no discurso, e uma possível mudança daquilo que se relata, já que "[...] colonizar é submeter outrem e [...] relatar a colonização é submeter-se aos códigos de outrem (os das autoridades metropolitanas a quem nos endereçamos, os do 'selvagem' que se endereça a nós com suas próprias palavras)" (ANDRÈS, 1999, p.37).

Uma vez que atentamos para a construção de uma história do fenômeno literário em perspectiva das formas e funções desse movimento, e não na construção do território<sup>234</sup>, podemos constatar que, desde o início, a literatura quebequense já se encontrava em contexto de movimento. A consequência desse transitar literário recai no campo "étnico" de sua constituição: "A obra quebequense não emana, então, necessariamente de um quebequense. Nada de menos 'étnico', como tentativa, felizmente: donde quer que venha, o imigrante 'recebido' no Quebec pode publicar aí uma obra "quebequense" [...]" (ANDRÈS, 1999, p.40).

Essa situação se estabeleceu mediante a problemática da "natividade" do corpus, que foi resolvido pela equipe do *Dictionnaire des oeuvres littéraires du Quebec* (DOLQ) de 1971, a qual estabeleceu as seguintes diretrizes:

---

<sup>234</sup> Ottmar Ette (2014) disserta que as pesquisas científicas não podem ignorar os fenômenos culturais, visando o plano territorial das áreas, sobretudo deve-se primordialmente observar uma história do movimento.

a) ter sido impresso por uma empresa quebequense b) ter sido escrito por um quebequense ou por uma pessoa que decidiu viver no Quebec c) apontar o Quebec como lugar de legitimação preferencial d) depender, em tudo ou em parte, do imaginário ou do real quebequense. Uma obra deve responder a, pelo menos, dois critérios entre quatro (ANDRÈS, 1999, p.39).

Esses critérios manifestam teor de inclusão e podem colaborar para a compreensão da paisagem cultural do Quebec, uma vez que as primeiras literaturas nacionais se desenvolvem além do seu território, pois “[...] a fórmula do DOLQ, se permite respeitar a autonomia das produções de língua francesa fora do Quebec” (ANDRÈS, 1999, p.43). Dessa maneira, a possibilidade de autonomia, oferecida pela província, confere uma possível abertura, mostrando-se favorável às literaturas que se deslocam entre os mundos, e isso justifica o motivo pelo qual o Quebec tem usufruído de visibilidade em meio a essas obras que se expressam em francês. Esse aspecto converge para a oportunidade de “enxergar” a história literária da colônia além do seu colonizador, e a literatura quebequense, construída antes sob a “pressão” da influência francesa, pode agora manifestar-se nas inclusões “estrangeiras”, renovando o próprio “olhar” sobre o seu pluriculturalismo.

## QUEBEC E HAITI: QUESTÕES DE EXÍLIO

Em seu artigo *Les fictions identitaires des romanciers haïtiens du Québec*, Kwaterko (2002) disserta sobre os autores haitianos imigrantes presente no Quebec, bem como as várias facetas desses que produzem em um solo que não é seu. O teórico observa que o escritor que foi acolhido no Quebec em situação diaspórica procura se legitimar através de uma reinvenção interior:

A fim de participar do processo de legitimação, ele [o escritor] está preferencialmente destinado a inovar do interior, a elaborar poéticas mais ou menos ‘irregulares’, a entrelaçar, no interior das representações identitárias estabilizadas no discurso social “outro”, ‘ficções identitárias’ suscetíveis de inscrever sua singularidade estética<sup>235</sup> (KWATERKO, 2002, p.214-215. Tradução nossa).

Ou seja, o escritor da segunda geração da diáspora haitiana que foi acolhido no Quebec não procura uma adaptação direta ao país anfitrião, nem reafirma sua identidade militando, mesmo que o contexto inerente ao país de berço permita certos discursos políticos contra o sistema totalitário que o banuiu. Esses escritores exilados vão além do suposto exotismo estético. Consequentemente, o exílio acaba sendo um componente importante para a fundação de uma nova forma de escritura. Podemos levantar diversas questões acerca desse quadro, mas manteremos apenas as seguintes reflexões: como o exílio é observado nas literaturas (a do exilado haitiano em solo quebequense e a do quebequense), e como se desenvolveu a identidade das literaturas desses autores haitianos que encontraram “refúgio” no Quebec.

Entre 1960 e 1980, a literatura da diáspora, em sua primeira fase, se encarregou de um discurso “[...] fortemente marcado pela problemática da precariedade da existência

---

<sup>235</sup> Afin de participer au processus de légitimation, il est plutôt voué à innover de l’intérieur, à élaborer des poétiques plus ou moins « irrégulières » à entretenir, à l’intérieur des représentations identitaires stabilisées dans le discours social « autre », des « fictions identitaires » susceptibles d’inscrire sa singularité esthétique (KWATERKO, 2002, p.214-215).

coletiva”<sup>236</sup> (KWATERKO, 2002, p.215. Tradução nossa), direcionando-se a identidade do exilado, de modo que as denúncias eram uniformes nas produções haitianas daquele momento, tornando-se uma imagem mercadológica. Já os escritores do Quebec encontravam-se no movimento contrário durante 1960-1970. Suas obras pareciam retornar ao desejo de identidade, enfrentando questões como “*quête du pays*” (KWATERKO, 2002, p.216), recontando a história do país, voltando às questões dos mitos de fundação da pátria e a um regresso ao rural, motivados pelo palco político vivenciado na província, que reivindicara independência em 1968.

Assim sendo, fundou-se uma importante dicotomia acerca das questões identitárias na paisagem literária do Quebec:

[...] duas identidades minoritárias: a do quebequense de origens rurais, exilado no interior procurando seu lugar em um quadro urbano cada vez mais heterogêneo e cosmopolita, e a do imigrante haitiano, vindo de uma cidadezinha, dividido entre seu território de origem e seu lugar de chegada<sup>237</sup> (KWATERKO, 2002, p.218. Tradução nossa).

Diante dessas questões, as obras haitianas da segunda geração da diáspora não procuraram se isolar em seu discurso, porém usufruíram da abertura cultural tanto do país anfitrião quanto da própria cultura “materna” para trabalhar uma nova forma de escrita. Esse contexto parte de um “*réenracinement*”<sup>238</sup> (KWATERKO, 2002, p.226), proporcionado pelo exílio, e uma desconstrução do passado, o qual é abordado constantemente como forma de criação de um Haiti individual e repleto de memórias afetivas<sup>239</sup>.

Ainda em consonância com Kwaterko (2002), a concepção de exílio como banimento físico estaria direcionada ao escritor haitiano e, portanto, justificaria as denúncias presentes nas produções dos autores exilados. Já para o autor quebequense, o exílio é compreendido numa perspectiva mental e psíquica, definição que, para o teórico, percebe-se nos discursos políticos das literaturas nacionais do Quebec, bem como nas temáticas de identidades nacionais que circundam a alienação mental<sup>240</sup>, que era alvo de crítica dos escritores quebequenses.

Destarte, percebe-se que as composições literárias da segunda geração de autores haitiano-quebequenses unem essas diferenças e dicotomias, resultando disso uma estética desregrada e distante dos autores da diáspora pelo mundo afora. Nessa perspectiva, compreendemos que os autores da segunda geração da diáspora no Quebec apresentam suas produções como arcabouço provável de transferências culturais.

[...] o autor haitiano do Quebec certamente não nega suas origens. Ele as esdente além das fronteiras comunitárias, na direção de um itinerário

---

<sup>236</sup> “[...] fortement marqué par la problématique de la précarité de l’existence collective” (KWATERKO, 2002, p.215),

<sup>237</sup> “[...] deux identités minoritaires : celle du Québécois aux origines rurales, exilé de l’intérieur cherchant sa place dans un cadre urbain de plus en plus hétérogène et cosmopolite, et celle de l’immigrant haïtien, venant souvent d’une petite bourgade, écartelé entre son territoire d’origine et son lieu d’arrivée. (KWATERKO, 2002, p.218)

<sup>238</sup> Segundo Kwaterko (2002), esse artifício consiste em uma construção do passado, todavia com desprendimento de possíveis raízes ancestrais. A atual literatura haitiana, sobretudo produzida extra-território, se desenvolve mergulhando no imaginário e ainda se estabelece em todas as línguas dos lugares que os autores exilados percorreram (KWATERKO, 2002, p.226).

<sup>239</sup> Isto explica o teor biográfico presente nas obras de Dany Laferrière, assim como dos demais escritores da segunda geração da diáspora.

<sup>240</sup> Para o quebequense, a alienação mental era uma característica creditada ao homem que se isolava no meio rural, negando-se a participar da política de sua nação (KWATERKO, 2002).

diaspórico, percebido, como em Ollivier, na vocação transamericana de escritura, na qual ambas as experiências haitiana e quebequense estão presentes, onde as experiências transcultural, intercultural e intracultural não se anulam, mas convivem e se interrogam<sup>241</sup> (KWATERKO, 2002, p.227. Tradução Nossa).

Salientamos que esses autores não deram início apenas a uma nova estética, mas aproximaram as diversas culturas a partir do exílio<sup>242</sup>, as quais podem ser percebidas nas produções do autor haitiano Dany Laferrière, que escreve em solo quebequense. Desse modo, esta composição do escritor permite-nos um olhar transcultural fundado na “[...] pluralidade de percursos, de “passarelas” e não de “raízes”, que toma sentido e valor o projeto de reapropriação do universo haitiano anunciado por Laferrière [...]”<sup>243</sup>(KWATERKO, 2002, p.226. Tradução nossa).

### **PAYS SANS CHAPEAU (1997) E SUA MOBILIDADE ENTRE MUNDOS**

Especificamente em sua obra *Pays sans chapeau* (1997), Laferrière propõe uma visita ao seu país de origem, contando a história de Vieux Os, um escritor famoso que viveu vinte anos de exílio em Montréal, e retorna ao Haiti para escrever um livro sobre a nação<sup>244</sup>. Vieux Os visita o mundo dos mortos e conversa com os deuses do panteão Vodou, retornando a sua casa para então relatar em suas folhas o que vivenciou. O personagem narrador conduz o leitor entre dois mundos, o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, dividindo o romance em *Pays réel* e *Pays rêvé*: o primeiro dedica-se às figuras concretas do cotidiano haitiano ligadas ao plano real, e o segundo trata do imaginário cultural dessa nação, de seus mitos, das suas crenças, relacionando-se ao plano espiritual. Fizemos um recorte em *Pays réel* que nos parece explorar os aspectos transculturais de Ottmar Ette (2014).

Durante sua ida ao supermercado da cidade de Porto Príncipe, cena que ocorre em *Pays réel*, o narrador comenta com o amigo que tinha medo de ir a lugares como aquele, pois não sabia como comportar-se. Também lhe conta a sua atração por uma moça de cor clara que saía do supermercado, certa vez. Confessa ao amigo que não sabe explicar o seu amor à primeira vista em relação àquela moça. Pensa, contudo, que não foi por causa da cor, visto que, após viver tanto tempo entre as cores claras das peles em Montreal, aquilo deixara de ter relevância e tornara-se comum. Enquanto estava lá, a raridade encontrava-se na cor escura. Ainda naquele ambiente, foi pego de surpresa ao perceber a presença de soldados americanos que faziam compras, sentindo-se tomado por um patriotismo que o levou a ter certa repugnância à sua presença. Vieux Os argumenta que se trata de uma ocupação diferente, de

<sup>241</sup> [...] l’auteur haïtien du Québec ne désavoue certainement pas ses origines. Il les étend au-delà des frontières communautaires, vers un itinéraire diasporique, repérable, comme chez Ollivier, dans la vocation transaméricaine de l’écriture, dans laquelle l’expérience haïtienne et québécoise sont toutes les deux présentes, où l’expérience transculturelle, interculturelle et intraculturelle ne s’annulent pas, mais se côtoient et s’interrogent. (KWATERKO, 2002, 227)

<sup>242</sup> Considerando, portanto, que, para a segunda geração da diáspora haitiana, o exílio foi sinônimo de abertura a possibilidades intelectuais, destacamos a entrevista de Dany Laferrière à *Revista brasileira do Caribe* (2008). O autor afirmou que o exílio para ele compreende o aspecto mental, que consiste na perda da sua memória, sem a qual não se pode visitar o país. O escritor, que denota grande importância para a escrita quebequense, afirmou na mesma entrevista que seu livro *Pays sans chapeau* (1996) trata de sua afirmação intelectual sobre viajar. Segundo o seu raciocínio, a viagem permite uma abertura as outras culturas e, desse modo, seria responsável pelo estímulo do intelectual haitiano a defender coisas que jamais defenderia se não tivesse saído de sua nação.

<sup>243</sup> “[...] pluralité des parcours, des « passerelles » et non pas des « racines », que prend sens et valeur le projet de réappropriation de l’univers haïtien annoncé par Laferrière[...]” (KWATERKO, 2002, p.226)

<sup>244</sup> Acreditamos que este transitar entre Quebec e Haiti, no enredo de *Pays sans chapeau* (1997), pode ser caracterizado como um movimento trans-nacional, o qual é definido na visão de Ottmar Ette (2014).

negros, e declara: “– Na primeira ocupação, de 1915, o governo americano mandou os piores racistas do sul dos Estados Unidos para reprimir os negros do Haiti. Sei lá, estou falando como um nacionalista puro-sangue, mas vivo em Miami”<sup>245</sup> (LAFERRIÈRE, 1997, p. 187. Tradução de Moreira)

É notória a exploração do imaginário haitiano, sobretudo africano, nesta obra. Mas observamos que em diversas passagens acontece uma espécie de confusões de lugares, como a presença de cidades urbanas e rurais, a exemplo de Porto Príncipe como cidade no enredo de *Pays réel*, e Petit Goâve, ambientada ao *Pays rêvé*. Cidades como Montreal e Miami são lugares retratados no enredo como lugar de permanência do personagem principal, e também salientamos a presença Norte-americana na temática da ocupação, a qual aconteceu de fato no Haiti. Confiamos que essas (con)fusões de lugares presente na obra surgem no nível vetorial (ETTE, 2014, p.50); ou seja, uma literatura que se coloca entre mundos, perpassa as relações entre Quebec e Haiti, ao contemplar as identidades haitiana, africana e quebequense, esta última presente no discurso contra a alienação mental que parte das histórias que retratam o vodu como religião superior ao catolicismo.

Outro exemplo de transferência cultural que pode ser encontrado na referida narrativa à exploração eficaz da esfera linguística, a qual é consequência de uma transferência no plano linguístico (ETTE, 2014, p.48) proveniente do encontro entre várias línguas. Em conformidade com Moreira (2006), observamos que Laferrière faz uso da língua francesa mesclando sua estrutura com as características da língua crioula em *Pays sans chapeau* (2011). Trata-se de um possível acúmulo proveniente da marca da oralidade, característica comum à maioria das línguas crioulas, e ainda o contato com o inglês em solo quebequense poderia ser fator importante para esse arranjo, compreendendo assim o nível translingual (ETTE, 2014).

A Estética da Degradação é outra característica, encontrada na referida obra, que se valeu das mais variadas transformações, tais como a crítica à alienação encontrada no seio da literatura quebequense, junto ao movimento *Indigenisme* haitiano que subsistiu nos elementos simbólicos do realismo maravilhoso, como forma de combate ao *Noirisme*<sup>246</sup>.

Segundo Lucas (2002), a Estética da Degradação ocorreu em pleno sistema totalitário e em contexto hostil à figura de Duvalier. A partir desse momento, estabeleceu-se uma literatura que propunha tirar o homem da estagnação e inércia crítica, denunciando a degradação através de uma conscientização. É o caso de Dany Laferrière, que apresenta um Haiti diferente daquilo que os autores caribenhos costumavam ritualizar. O suposto exotismo que a obra deveria conter, devido à geração de escritores que propunham um caribe mergulhado nos mitos africanos, cede espaço para a novidade da denúncia.

Lucas (2002) ainda afirma que essa nova literatura revelou um sentido de transfiguração dos humilhados e ofendidos, misturando fantasia e denúncia militante. Nessa perspectiva, a literatura de Laferrière procura combater e se opor de forma plena à colonização e à domesticação mental que a literatura anterior<sup>247</sup> explorou. Deste modo, *Pays sans chapeau* (1997) vale-se dos engajamentos políticos propícios à cultura anfitriã e trabalha a mentalidade haitiana através das construções dos elementos culturais pertencentes ao *Indigenisme* que, de acordo com Moreira (2006), foi um movimento literário haitiano que

---

<sup>245</sup> “– Lors de la première occupation en de 1915, le gouvernement américain avait envoyé, pour mater les Nègres d’Haïti, les pires racistes du sud des États-Unis. Enfin je parle comme un nationaliste pur crin, alors que je vis à Miami.” (LAFERRIÈRE, 2011, p. 149).

<sup>246</sup> Para Moreira (2006), esse movimento consistia numa reescrita completa do passado do Haiti, cujos valores dos negros e africanos eram defendidos e supervalorizados, enquanto rechaçavam-se as referências francesas. Um exemplo dele é encontrado na obra *Le problème des classes à travers l’histoire d’Haïti*, de François Duvalier e Lorimer Denis. Esse movimento foi essencial para o extremismo da ditadura Duvalier.

<sup>247</sup> Literatura pertencente ao *Noirisme*.

surgiu como forma de reivindicar a identidade haitiana, sobretudo os valores africanos que dizem respeito ao negro e sua cultura, mediante a imposição cultural do colonizador francês.

Observamos que a composição da estética da degradação pode ser interpretada como um fenômeno literário advindo do contato entre três culturas ou mais, sendo identificado aqui como característica transcultural, as quais proporcionaram força para o renovar crítico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de transferência cultural e o debate sobre o movimento entre espaços de transferências culturais possibilitaram a visão de uma paisagem cultural plural, que pode convergir para a abolição de certas “tarjas” restritivas que marginalizam as literaturas ditas “menores” ou “de exílio” no Quebec.

Portanto, refletir sobre essa questão nos permite direcionar a atenção para a possibilidade da existência de uma literatura sem residência fixa em Dany Laferrière, colaborando com as visões de Ottmar Ette (2015). As conclusões do estudioso revelam-nos que essas literaturas, que imprimem a locomoção entre mundos, comprometem-se com um novo horizonte literário que foge ao exotismo do exílio e, assim, estão abertas ao transitar bem como à constituição de uma nova literatura mundial, sem dimensões dos espaços territoriais.

Quanto à obra de Dany Laferrière, acreditamos ser notória a inclinação à transculturalidade, a qual decorre das transferências culturais mais diversas, seja pelo palco histórico vivenciado na colônia haitiana ou devido à imigração, ou até por causa da paisagem cultural quebequense. Claramente, essa literatura, que se desenvolve entre os espaços, garante sua relevância ao adentrar a história literária quebequense, e colabora com uma visão diferente do campo literário nacional anfitrião. Destarte, consideramos que, devido aos vários arranjos, *Pays sans chapeau* (1997) se encontra em movimento não só entre os níveis expostos no debate sobre os espaços de transferências culturais. Essa narrativa captura a essência de mobilidade e nos revela elementos estéticos e ideológicos que estão além do controle territorial nacional, seja haitiano ou quebequense. Relembramos que Laferrière se pronunciou sobre seu livro *Pays sans chapeau* (1997), afirmando que a obra é sua declaração sobre viajar. Com isso confirmamos que a obra imprime não só uma viagem entre mundos, mas também uma mobilidade dentro de um universo vasto, que antes circundava apenas o Haiti e seu imaginário cultural.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2016.

ANDRÈS, Bernard. **Coerção e subversão. O Quebec e a América Latina**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1999.

CASANOVA, Pascale. **A República mundial das Letras**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Editora Estação Liberdade Ltda, 2002.

ESPAGNE, Michel. La notion de transfert culturel. **Revue Sciences/Lettres**, 1, p. 1-9, 2013. Disponível em: <<http://rsl.revues.org/219>>. Acesso em: 30 maio 2017.

ETTE, Ottmar ; MAALOUF, Amin. La question de l'exil et le savoir-vivre-ensemble des littératures sans résidence fixe. **Romanische Studien**, v. 2, p. 397-433, 2015. Disponível em: <<http://www.romanischestudien.de/index.php/rst/article/view/22>>. Acesso em: 05 jun. 2017

ETTE, Ottmar ; MAALOUF, Amin. Cartographies mobiles de la recherche littéraire. La poétique du mouvement dans les études sur les transferts entre aires culturelles. **Revue Germanique internationale**, v. 19, p. 41-55, 2014. Disponível em : <<http://rgi.revues.org/1464>>. Acesso em: 22 maio 2017.

KWATERKO, Józef. Les fictions identitaires des romanciers haïtiens du Québec. **Revue de littérature comparée**, v. 2, n. 302, p. 212-229, 2002. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-de-litterature-comparee-2002-2-page-212.htm>>. Acesso em: 30 maio 2017.

LAFERRIÈRE, Dany. **Pays sans chapeau**. Paris: Le serpent à la plumes, 1997.

LAFERRIÈRE, Dany. **País sem chapéu**. Tradução de Heloisa Moreira. 1º edição. São Paulo: Editora 34, 2011.

LUCAS, Rafael. L'esthétique de la dégradation dans la littérature haïtienne. **Revue de littérature comparée**, v. 2, n. 302, p. 191-211, 2002. Disponível em : <<http://www.cairn.info/revue-de-litterature-comparee-2002-2-page-191.htm>>. Acesso em: 29 maio 2017.

MOREIRA, Heloisa Caldeira Alves. **Traduzindo uma obra crioula: Pays sans chapeau** de Dany Laferrière. 2006. 237 f. Tese (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-08082007-144718/en.php>>. Acesso em: 30 maio 2017.

PAULA, Irene Corrêa dos Santos Barbosa. Entrevista com Dany Laferrière. Montreal. **Revista Brasileira do Caribe**, 17 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/1591/159113066013/>>. Acesso em: 25 maio 2017.